



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

Dupin, Bond e Bourne

A investigação, a trama detetivesca, mais do que um gênero, está na gênese da própria ficção. Entre diversos motivos, por estruturar-se na ação. No acontecimento. O motor que movimenta as narrativas. E que expõe em atos as motivações dos homens.

Com essas ideias em mente é prazeroso comparar personagens de obras do gênero em épocas diversas. E observar as marcas temporais nessas aventuras.

Pode-se viajar a Paris da primeira metade do século XIX, anterior às modificações comandadas pelo barão Haussmann. E acompanhar os passos daquele que é considerado um verdadeiro precursor do gênero. O modelo de Conan Doyle na criação de seu Sherlock Holmes: C. Auguste Dupin. O mítico personagem de Edgar Allan Poe.

Em *Os Assassínatos da Rua Morgue*, Dupin, acompanhado do narrador, irá analisar minuciosamente as circunstâncias que marcam um misterioso crime ocorrido num bairro periférico da capital francesa. Seu método é dedutivo, engendrado pela excentricidade de seu raciocínio. Levantando e eliminando hipóteses até se alcançar a verdade.

Mais do que um processo de análise filosófico, o método Dupin revela uma sociedade cada vez mais aberta à metodologia científica. A um processo racional de investigação, amparado em diversos ramos do conhecimento. E que combinados às evidências são aplicados na solução de um determinado enigma. O detetive acaba por antecipar assim, de certo modo, as capacidades computacionais de análise, que tanto marcam nosso tempo. E inicia uma linhagem que irá passar por Sherlo-

ck Holmes, e que hoje ainda gera frutos em seriados televisivos protagonizados por peritos, como as franquias *CSI*.

Esse modelo de investigação, em que boa parte da narrativa se dá a partir de deduções interiores (é bom lembrar que tanto Dupin quanto Sherlock Holmes são descritos como seres alheios, excêntricos, para quem nada parece ser mais prazeroso do que o próprio pensamento), irá ser modificado a partir do pós-guerra. Se para Poe e Conan Doyle era tarefa do narrador detalhar as deduções que elucidaram o crime e reconstituir de forma minuciosa os passos do criminoso, essa passa a obedecer outros imperativos. Passa a servir, principalmente a partir da potência midiática das adaptações cinematográficas, a uma ambientação exterior. Caracterizada por sequências de ações preparatórias para os enfrentamentos físicos e sangrentos que marcam os desfechos das tramas.

O caso mais notável são os filmes protagonizados por James Bond. Um personagem estabelecido menos em métodos, e mais como um produto perfeito da agenda ideológica. Num tempo em que até a cor de uma camiseta parece ter motivação política. Nas tramas do espião a serviço de Sua Majestade, mais significativo do que o processo de investigação é a embalagem que expõe um ideal de homem ocidental bem sucedido.

Quando assistimos aos filmes baseados no personagem de Ian Fleming — principalmente os produzidos durante a Guerra Fria — muito além das tramas, dos riscos iminentes à humanidade diariamente assombrada pelos fantasmas de uma guerra nuclear, o que vemos é um Bond sempre impe-

O prazer de comparar as marcas temporais nas aventuras de três dos mais relevantes personagens da trama detetivesca

cavelmente vestido. Dirigindo os carros mais velozes. Indo para a cama com as mulheres mais exuberantes. Viajando para lugares paradisíacos. E ainda com tempo para ironizar os burocratas dos escritórios.

Mais de 100 anos após as deduções do mestre Dupin, Bond estabelece-se não por seu processo investigativo, mas pelo que comunica com suas ações. Principalmente as que se passam nos interlúdios prosaicos que fazem parte de suas tramas. Nestes, Bond é um homem livre (dentro dos parâmetros de uma sociedade que preza e diferencia os empreendedores, dos funcionários que batem ponto). É praticamente um *self made man*, com suas próprias regras e que, apesar da inveja alheia, é respeitado por seus resultados.

Há fantasia mais potente do que essa no sonho americano, ou nas engrenagens do capitalismo ocidental? Livre-iniciativa e suas benesses materiais em contraste com o mundo acinzentado dos vilões comunistas.

Já no mundo que sucede o fim da União Soviética tudo se torna mais complexo. Menos matizado. E o inimigo é íntimo, tão discreto quanto sub-reptício: as próprias engrenagens do sistema.

Nesse novo mundo, o modelo Bond irá diluir-se numa ética muito peculiar. Empreendida por homens que usarão o arsenal dos anos do pós-guerra para conquistar benesses privadas. Independente dos meios. Essa corrosão pelas próprias engrenagens irá dar forma a um dos personagens mais interessantes da nossa época: Jason Bourne.

Bourne propõe um interessante paradoxo ao gênero. Uma

busca frenética por si mesmo, não a vítimas exteriores. Suas habilidades investigativas, sua capacidade física são frutos do modelo que o formatou. Um modelo, diga-se de passagem, que James Bond ajudou como poucos a vender. E que Bourne terá de lidar com os estilhaços de sua implosão ética.

O mais dramático efeito colateral da ruína de um modelo é a dificuldade de substituí-lo. A perda da própria identidade, que acomete o ex-agente da CIA, é assim não mais do que uma metáfora da falta de aderência no mundo contemporâneo dos parâmetros ideológicos que o sucederam. Num mundo sem oposição óbvia, em que modelos sociais, econômicos desmancham-se diariamente. Quem sou eu? Mais do que uma questão existencial, torna-se um questionamento moral. Confrontado seguidamente por engrenagens em que a amoralidade mais se parece um dogma.

Na trilogia cinematográfica, protagonizada pelo personagem de Robert Ludlum, a frenética busca de Bourne por sua história, seu passado irá particularizar um processo coletivo. Que parâmetros são realmente meus? O que norteia meus atos? São questões mais do que atuais. E propõe um enigma a ser decifrado pela arte da ficção e por seus personagens que seguem a tradição detetivesca. As novas configurações que vão sendo desenhadas por este século - o mundo dos grandes blocos, a ascensão dos emergentes, a diminuição da hegemonia econômica americana - que novos valores irão se consolidar nesse cenário. E melhor. Que distorções, desvios irão crescer no interior de suas engrenagens. Que tipo de talento investigativo haverá de revelá-las? †